

Minha vida é um blog aberto

Minha vida é um blog aberto

Elika Takimoto

Ilustrações **Daniel Araújo**

1ª edição

Conforme a nova ortografia



Gerente editorial executivo: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Editor: RICHARD SANCHES

Coordenação editorial: TODOTIPO EDITORIAL

Preparação de texto: CLÁUDIA CANTARIN

Assistentes editoriais: ANDRÉA DER BEDROSIAN E FLÁVIA ZAMBON

Auxiliares editoriais: GABRIELA DAMICO E PATRÍCIA PELLISON

Produtor editorial: ELCYR OLIVEIRA

Suplemento de atividades: FABIANA CAMARGO PELLEGRINI

Revisão: ISADORA PROSPERO E LUCY CAETANO

Produtora gráfica: LILIANE CRISTINA GOMES

Projeto gráfico: PATRÍCIA PELLISON

Impressão e acabamento:

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)**

T142

1. ed.

Takimoto, Elika

Minha vida é um blog aberto / Elika Takimoto; ilustrado por Daniel Araújo. 1.ed. – São Paulo: Saraiva, 2015. 112 p.; il.;

ISBN 978-85-02-63477-0

1. Literatura infantil. I. Araújo, Daniel. II. Título.

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático

1. Literatura infantil 028.5

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem o consentimento por escrito da editora.

2ª tiragem, 2016



Av. das Nações Unidas, 7.221 – 2ª andar – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h às 18h

www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados à Saraiva Educação Ltda.

203104.001.002

Dedico este livro a todos que protagonizaram ou que de alguma forma participaram das histórias aqui contadas: aos meus pais, aos meus filhos, aos meus irmãos e ao Nelson; às amigas Kátia, Lúcia, Aninha e Manoela; aos amigos Ricardo Cardoso, Anderson, Eric e Mazinho e ao casal-exemplo Seu Cassiano e Dona Terezinha. Gostaria de dedicá-lo também ao meu amigo-poeta Paulo Andel, que me deu coragem para que eu me aventurasse nesse maravilhoso mundo da escrita, e à amiga Ariete, que acredita que sonhos se realizam e quem me avisou do concurso promovido pela Saraiva.

SUMÁRIO

O sagrado e o profano	9
Caminho de Ogum e Iansã	11
Pre\$ente.....	16
Sinal verde	21
Treinando em plena Quinta.....	25
Carrossel.....	31
Raciocínio lógico	35
Não curti	42
Nem tanto ao céu, nem tanto à terra	45
Quando a imaginação é mais importante que o conhecimento	48
Capitão Nascimento e dona Maria José	53
Contando as estrelas	58
Dividindo para poder sobrar.....	63
Meus deleites.....	66
Temos nosso próprio tempo	69
Fé na Kátia	75
Lei de Murphy (0) x (5) Fé na Kátia	79
À sombra do tempo	82
Genealogia.....	88
O fim do grande mistério de Ricardo Cardoso.....	91
O tempo que gostamos de perder não é tempo perdido.....	95
Os porões de vovó.....	98
Pé no freio	102
Pilares	103
Consulta ao analista.....	109
Sobre a autora e o ilustrador	112

O sagrado e o profano

A mãe ouviu ao fundo o pai gritando com o menino, coisa rara naquela casa, pois o menino, que acabara de completar seis aninhos, era muito bonzinho e obediente e cuidava com carinho de todos os bichinhos da casa, que consistiam em sete peixes, dois *hamsters* e um cachorrinho. Querendo saber o que estava acontecendo, a mãe deixou o resto da louça suja na pia e dirigiu-se ao cômodo da casa onde estavam o pai e o filho: o primeiro falava de forma exaltada e com voz embargada; o segundo, de cabeça baixa, aparentemente muito envergonhado.

– Você por acaso... você... por acaso... se eu ficasse doente, trocaria de pai? De onde você tirou essa ideia? Com quem você tem andado, meu filho? Eu não esperava ouvir isso de você... com toda a educação que damos a você! Isso não é papel de homem, meu filho! Quer me matar de desgosto falando uma coisa dessas? Você já viu o seu pai fazendo esse tipo de coisa por aí?

A mãe, ainda desconhecendo o motivo daquele emocionado discurso e sabendo que o pai jamais levantara a voz para a criança daquela forma, como boa cúmplice, virou o rosto tenso para o filho e condenou com o olhar aquele ato indecoroso. Balançava a cabeça e olhava o pai indignado. Com a mão direita espalmada sobre o peito esquerdo e com cara de choro, a mãe sentia a dor do pai como se fosse sua.

– Vai beber uma água, Nelson. Se acalma, meu amor. Deixa que eu converso com ele, tá? O Kinho não vai fazer isso de novo, né, Kinho?

Alterou o semblante no mesmo instante em que olhou para o filho. O menino sabia que a mãe era braba e curvou-se ainda mais de tanto medo e vergonha.

Nelson saiu do quarto vociferando pela casa.

– Onde erramos com ele? Que horror! Que horror! Isso não existe!

A mãe mal se aproximara do menino quando ele começou a falar baixinho e chorando:

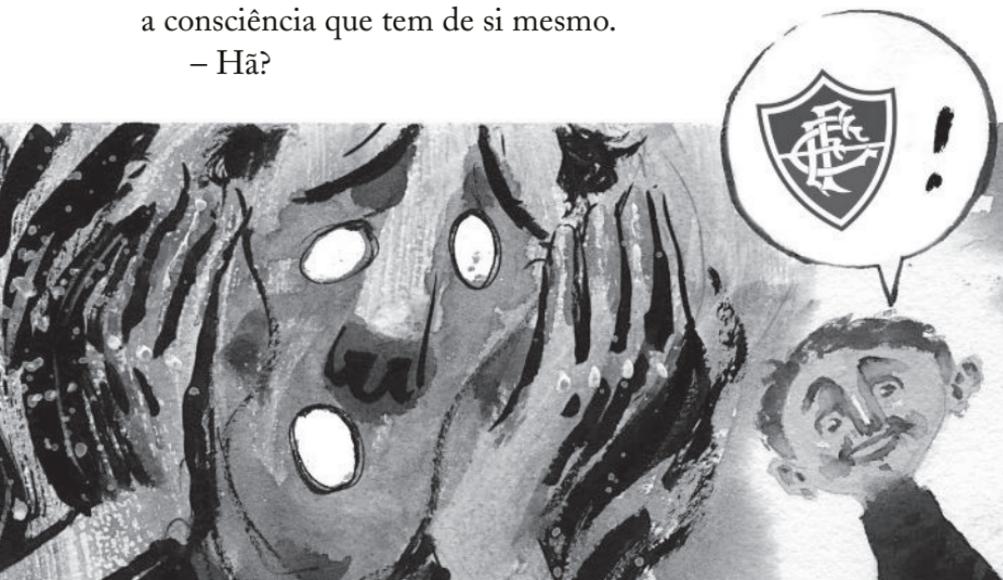
– Mãe, desculpa, eu disse pro papai que se ele mudasse eu ia com ele, eu nunca vou deixar o papai sozinho. Eu só quero ver o papai feliz... Descuuuulpa, mãezinha – soluçava o menino, arrependido. – Eu falei, mãezinha, que eu ia com ele... Eu não quero mais ver o papai sofrer, mãe. Eu pensei que ele ia ficar mais feliz se a gente mudasse! Me desculpa, mãezinha...

– Hã? Mudar pra onde, Jesus? – perguntou a mãe sem entender patavinas.

– Pro Fluminense, mãe. O Flamengo só perde... Me desculpa, mãe, me desculpa...

O menino aprendeu uma grande lição: não se mexe com o que as pessoas consideram sagrado, e um homem não torce por um time; ele o consagra e o confunde com a consciência que tem de si mesmo.

– Hã?



Caminho de Ogum e Iansã

Neste ano, Nara, minha filhinha de quinze anos, passou a estudar em pleno bairro do Maracanã. Moramos no subúrbio carioca, num bairro que é sorriso, é paz e prazer, o seu nome é doce dizer: Madureeeira, lá, laiá. Isso significa que Nara agora anda de trem e de ônibus todo santo dia (com exceção do Dia de São Jorge, que é feriado no Rio) e recebe calor humano às seis da manhã de pessoas que nem conhece.

Nos primeiros dias, nós a acompanhamos e conversamos sobre cada detalhe. Nossa bonequinha fofa nunca havia andado de ônibus sozinha e, de repente, não mais que de repente, precisou fazer esse trajeto sem ter ninguém ao seu lado para defendê-la de qualquer perigo iminente. Isso foi tenso para nós (digo, os pais). Mas, antes mesmo do que a nossa vã filosofia pudesse imaginar, lá estava Nara completamente independente, livre e solta (ainda que um tanto espremida), indo e vindo do subúrbio ao centro, do centro ao subúrbio. Narinha aprendeu novas palavras e agora fala “treissincotrês”, “meioitocinco”, “treizoitotrês”, “ramal saracuruna”, “belforroxo” e “diodoro” com uma desenvoltura de dar gosto. De todo modo, é sempre motivo de preocupação ter uma filha linda andando pelo mundo. Ainda mais de trem e ônibus. Fala sério... O que nos acalma é saber que ela segue toooooo das nossas orientações direitinho.

Ontem, por exemplo, Nara dormiu na condução e, quando acordou, percebeu que estava em um lugar “jamais